

ALIANÇA DO CRIME



DICK LEHR E GERARD O'NEILL

ALIANÇA DO CRIME

DICK LEHR E GERARD O'NEILL

Aliança do crime

Tradução de Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2000, 2001, 2012 by Dick Lehr e Gerard O’Neill
Publicado inicialmente nos Estados Unidos por PublicAffairs™,
uma editora do Perseus Books Group

TÍTULO ORIGINAL

Black Mass: Whitey Bulger, the FBI, and a Devil’s Deal

EDIÇÃO

Ângelo Lessa

REVISÃO

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Márcia Quintella

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L533a

Lehr, Dick

Aliança do crime / Dick Lehr, Gerard O’Neill; tradução Cássio de
Arantes Leite. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

424 p. ; 23 cm.

Tradução de: Black Mass: Whitey Bulger, the FBI, and a Devil’s Deal
ISBN 978-85-8057-831-7

1. Máfia - Estados Unidos. 2. Criminalidade - Estados Unidos. I. Título.

15-25615

CDD: 364.1060973

CDU: 343.341(73)

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meus filhos, Nick e Christian Lehr,
e minhas filhas, Holly e Dana Lehr*

★

*Para Janet, minha esposa e meu equilíbrio,
e meus filhos, Brian e Shane O'Neill*

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------|----|
| Lista de personagens | 9 |
| Prólogo | 13 |
| Introdução | 15 |
| Introdução à edição atualizada | 21 |
| Mapa: O mundo de Whitey | 23 |

PARTE UM

| | | |
|---------------|---------------------|----|
| <i>um</i> | 1975 | 28 |
| <i>dois</i> | SOUTH BOSTON | 42 |
| <i>três</i> | JOGO PESADO | 58 |
| <i>quatro</i> | TREINANDO A ESQUIVA | 66 |
| <i>cinco</i> | APOSTAS LUCRATIVAS | 79 |

PARTE DOIS

| | | |
|------------------|---------------------------------------|-----|
| <i>seis</i> | GANGUE DE DOIS? | 98 |
| <i>sete</i> | TRAIÇÃO | 120 |
| <i>oito</i> | O MATADOR DE ALUGUEL DA PRINCE STREET | 131 |
| <i>nove</i> | BOA MESA, BOM VINHO, DINHEIRO SUJO | 143 |
| <i>dez</i> | HOMICÍDIO S/A | 161 |
| <i>onze</i> | BULGERTOWN, EUA | 179 |
| <i>doze</i> | O MITO BULGER | 194 |
| <i>treze</i> | ALIANÇA DO CRIME | 217 |
| <i>catorze</i> | NUANCES DE WHITEY | 228 |
| <i>quinze</i> | O PAPO DE CONNOLLY | 239 |
| <i>dezesseis</i> | SEGREDOS EXPOSTOS | 253 |

PARTE TRÊS

| | | |
|------------------|----------------------|-----|
| <i>dezessete</i> | FRED WYSHAK | 270 |
| <i>dezoito</i> | HELLER'S CAFÉ | 283 |
| <i>dezenove</i> | QUEM SAI NA CHUVA... | 298 |
| <i>vinte</i> | A FESTA ACABOU | 313 |
| | Epílogo | 339 |
| | Fontes | 358 |
| | Notas | 364 |
| | Agradecimentos | 410 |

LISTA DE PERSONAGENS

A GANGUE DE BULGER

James J. “Whitey” Bulger

Stephen J. “Homem-Rifle” Flemmi

Nick Femia, soldado

Kevin Weeks, soldado e “filho substituto” de Bulger

Kevin O’Neil, comparsa

Patrick Nee, comparsa

Joseph Yerardi, comparsa

George Kaufman, comparsa

A GANGUE WINTER HILL ORIGINAL

conta com membros da gangue de Bulger e:

Howard Winter, chefe

John Martorano, matador de aluguel

William Barnoski, comparsa

James Sims, comparsa

Joseph McDonald, comparsa

Anthony Ciulla, arranjador de resultados em páreos
Brian Halloran, comparsa

MÁFIA EM BOSTON

Gennaro J. “Jerry” Angiulo, subchefe
Ilario “Larry” Zannino, *caporegime* e *consigliere*
Donato “Danny” Angiulo, *caporegime*
Francesco “Frankie” Angiulo, comparsa
Mikey Angiulo, comparsa
J. R. Russo, *caporegime*
Vincent “Animal” Ferrara, *caporegime*
Bobby Carrozza, *caporegime*
Frank “Cadillac Frank” Salemme, amigo de infância de Flemmi e principal líder mafioso na década de 1990

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION (FBI), DIVISÃO DE BOSTON

H. Paul Rico, Esquadrão de Crime Organizado
Dennis Condon, Esquadrão de Crime Organizado
John J. Connolly Jr., responsável pelos informantes Bulger e Flemmi
John Morris, supervisor do Esquadrão de Crime Organizado
Lawrence Sarhatt, agente especial encarregado no início dos anos 1980
James Greenleaf, agente especial encarregado em meados dos anos 1980
James Ahearn, agente especial encarregado no fim dos anos 1980
Robert Fitzpatrick, assistente do agente especial encarregado
James Ring, assistente do agente especial encarregado
Nicholas Gianturco, Esquadrão de Crime Organizado
Tom Daly, Esquadrão de Crime Organizado
Mike Buckley, Esquadrão de Crime Organizado
Edward Quinn, Esquadrão de Crime Organizado
Jack Cloherty, Esquadrão de Crime Organizado
John Newton, agente especial
Roderick Kennedy, agente especial

AUTORIDADES FEDERAIS, ESTADUAIS E LOCAIS

Robert Long, Polícia Estadual de Massachusetts
Rick Fraelick, Polícia Estadual de Massachusetts
Jack O'Malley, Polícia Estadual de Massachusetts
Tenente-coronel John O'Donovan, comandante da Polícia Estadual
de Massachusetts
Thomas Foley, Polícia Estadual de Massachusetts
Joe Saccardo, Polícia Estadual de Massachusetts
Thomas Duffy, Polícia Estadual de Massachusetts
Richard Bergeron, detetive de polícia de Quincy, Massachusetts
Al Reilly, agente federal da Drug Enforcement Administration (DEA)
Stephen Boeri, agente federal da Drug Enforcement Administration (DEA)
Daniel Doherty, agente federal da Drug Enforcement Administration (DEA)
Jeremiah T. O'Sullivan, promotor federal do Departamento de Justiça
Fred Wyshak, promotor federal do Departamento de Justiça
Brian Kelly, promotor federal do Departamento de Justiça
James Herbert, promotor federal do Departamento de Justiça

PRÓLOGO

Certo dia de verão em 1948, um garoto tímido de calça curta chamado John Connolly entrou numa loja de esquina com dois colegas. Queriam dar uma olhada nos doces do estabelecimento, próximo ao conjunto habitacional Old Harbor, em South Boston, onde moravam. “Olha o Whitey Bulger”, sussurrou um.

O lendário Whitey Bulger: magrelo e tenso, com ar de valentão e um cabelo louro-claro e bem cheio que levou os policiais a lhe darem o apelido de Whitey, “esbranquiçado”, embora ele odiasse o apelido e preferisse seu nome de verdade, Jimmy. Ele era o mítico adolescente durão que andava com a gangue Shamrocks.

Bulger viu os meninos olhando para ele e, num impulso, se ofereceu para pagar uma rodada de casquinhas para todos. Dois já foram logo dizendo os sabores. Mas o pequeno John Connolly hesitou, obediente à mãe, que lhe dizia para não aceitar nada de estranhos. Quando Bulger lhe perguntou por que também não tomava um, os outros meninos caçoaram do conselho. Então, Bulger interveio: “Ei, garoto, eu não sou nenhum estranho.”

Então, deu ao garoto uma lição rápida e crucial sobre história e linhagens: os ancestrais dos dois eram irlandeses. Eles não eram estranhos um ao outro.

“De que sabor você quer?”, perguntou Whitey outra vez.

Connolly murmurou que gostava de baunilha. De bom grado, Bulger ergueu o garoto e o pôs no balcão para receber o sorvete.

Foi a primeira vez que John viu Whitey. Muitos anos depois, ele diria que a emoção de encontrar Bulger por acaso nesse dia foi como a de “conhecer Ted Williams”, o então famoso rebatedor do Boston Red Sox, time de beisebol da cidade.

INTRODUÇÃO

Na primavera de 1988, começamos a escrever para o *Boston Globe* a história de dois irmãos, Jim “Whitey” Bulger e seu irmão mais novo, Billy. Numa cidade de passado tão antigo e rico quanto Boston, pródiga em figuras históricas de todos os naipes, os Bulger eram lendas vivas. No que faziam, ambos eram insuperáveis. Whitey, de 58 anos, era o gângster mais poderoso da cidade, um notório assassino. Billy Bulger, de 54, era o político mais influente de Massachusetts, presidente de mais longo mandato em 208 anos de história do Senado Estadual. Os dois tinham reputação de astutos e inescrupulosos, características que punham em prática em seus respectivos mundos.

Era a quinta-essência da saga bostoniana, a história de dois irmãos que cresceram num conjunto habitacional no mais isolado dos bairros irlandeses, South Boston — “Southie”, como era muitas vezes chamado. Era comum ver um Whitey jovem, o primogênito rebelde, no tribunal, mas nunca na escola. Havia brigas de rua e frenéticas perseguições de carro, tudo com um certo toque hollywoodiano. Durante a década de 1940, ele entrou com o carro nos trilhos do bonde e passou à toda pela antiga estação da Broadway, sob os olhares chocados dos passageiros na plataforma abarrotada. Com um boné de tweed na cabeça e uma loura no carona, ele acenou e buzinou para a multidão. Depois

se mandou. Já seu irmão Billy enveredou pela direção oposta. Estudou: história, língua e literatura clássicas e, por último, direito. Entrou na política.

Ambos viraram notícia, mas suas vidas nunca tinham sido compiladas. Assim, naquela primavera, junto com dois outros repórteres do *Globe*, arregaçamos as mangas para mudar isso. Christine Chinlund, que se interessava pela política, se concentrou em Billy Bulger. Kevin Cullen, então melhor repórter policial da cidade, ficou com Whitey. Nós nos revezávamos entre os dois, mas no fim Lehr trabalhou mais com Cullen, e O'Neill supervisionou a operação toda. Ainda que normalmente realizássemos reportagens investigativas, o projeto era visto como um estudo biográfico aprofundado de dois dos personagens mais curiosos e interessantes da cidade.

Havíamos todos concluído que a vida supostamente fascinante de Whitey Bulger era central para a história. De fato, Whitey chegara a cumprir nove duríssimos anos em prisão federal, alguns em Alcatraz, por uma série de roubos a banco, à mão armada, na década de 1950. Mas, desde seu retorno a Boston, em 1965, ele não fora autuado sequer uma vez, nem por infração de trânsito. Nesse meio-tempo, sua ascensão nas fileiras do submundo de Boston foi constante. De temido soldado raso na gangue Winter Hill, ele galgara os degraus do estrelato ao status de mais famoso chefe do submundo da cidade. Em certo ponto da trajetória, associara-se ao assassino Stevie “Homem-Rifle” Flemmi, e dizia-se que estavam empreendendo uma jornada criminosa inexorável rumo à fama e à riqueza graças à capacidade de levar a melhor sobre os investigadores que tentavam reunir evidências contra eles.

No fim dos anos 1980, contudo, as polícias municipal e estadual, além dos agentes de narcóticos federais, chegaram a uma nova teoria sobre a ficha imaculada de Bulger. Diziam que, sem dúvida, o homem era astuto e extremamente cuidadoso, mas sua capacidade de se evadir à lei, como um verdadeiro Houdini, era sobrenatural. Para eles, havia algum trabalho interno. Argumentavam que Bulger estava ligado ao FBI, que, por sua vez, secretamente lhe fornecera cobertura ao longo de todos aqueles anos. Que outra explicação para o completo e rematado fracasso de todas as tentativas de enquadrar o homem? Mas a teoria tinha um porém: ninguém que a propôs foi capaz de apresentar uma prova irrefutável.

Para nós, a ideia parecia forçada, até um tanto conveniente.

Para Cullen, que morava em South Boston, ela ia contra tudo que se sabia a respeito de um gângster com a reputação de ser um mafioso a toda prova,

um chefe do crime que exigia total lealdade dos comparsas. Era algo que desafiava a cultura do mundo de Bulger, South Boston e sua herança irlandesa. Os irlandeses sempre nutriram um ódio particularmente arraigado por informantes. Já vimos, alguns de nós mais de uma vez, o famoso filme de John Ford de 1934, *O delator*, com seu retrato atemporal e inigualável do horror e da repulsa que os irlandeses sentem por eles. Num contexto mais local, havia a história de uma escuta em South Boston que se tornou um clássico nos círculos criminosos da cidade. A gravação clandestina capturou um subalterno de Bulger conversando com a namorada:

— Eu odeio esses ratos do caralho — queixou-se John Shea. — Eles são a mesma merda que um estuprador e um molestatador de criança. — E o que ele faria se encontrasse um informante? — Eu amarrava o cara na cadeira, ok? Então pegava um bastão de beisebol e dava minha melhor tacada na cabeça dele. Depois ficava só olhando a porra da cabeça sair voando. Daí pegava uma serra elétrica e cortava os dedos fora.

— A gente se fala mais tarde, querido — respondeu a namorada.

Esse era o mundo de Whitey, em que os sentimentos sobre informantes calavam fundo em todas as camadas da sociedade local, da escória à classe alta. Até seu irmão Billy externou uma versão mais refinada do ponto de vista manifestado por Shea. Em seu livro de memórias de 1996, recordou uma ocasião em que ele e alguns amigos de infância jogavam beisebol e quebraram uma luminária de rua. Os meninos foram avisados que teriam a bola de volta assim que identificassem o autor do estrago. Ninguém abriu o bico. “Odiávamos informantes”, escreveu Billy Bulger. “Nosso folclore sangrava com os nomes dos informantes que haviam vendido os irmãos para carrascos ou coisa pior nas terras de nossos ancestrais.”

Uma vez que era também esse o folclore de Whitey, nós quatro, em 1988, ficamos incrédulos acerca do boato de ele ser informante. Examinamos a teoria de todos os ângulos e concluímos: impossível. A alegação só podia corresponder a ataques infundados e irresponsáveis de investigadores exasperados que fracassaram na tentativa de prender Whitey Bulger. A ideia de Bulger como informante soava absurda.

Mas a suspeita continuou incomodando, uma comichão irresistível que permanecia à flor da pele. E se fosse mesmo verdade?

Em 1988, a grande notícia em Boston foi a candidatura a presidente do governador de Massachusetts, Michael Dukakis, mas, durante todos os meses

de campanha presidencial ficamos cada vez mais intrigados e envolvidos com a história de Whitey. Assim, Cullen voltou à pesquisa, e Lehr o acompanhou. Houve novas entrevistas com os investigadores que haviam tocado Bulger e tentado obter evidências contra ele. Os investigadores revisaram minuciosamente o material, mas o final era sempre o mesmo: Bulger em liberdade, livre de qualquer acusação e ileso, olhando por cima do ombro e rindo ao se afastar. Falaram sobre um certo agente do FBI, John Connolly, que, assim como os irmãos Bulger, crescera em Southie. Connolly fora visto na companhia de Whitey.

Escrevemos ao FBI em Boston e, baseados na Lei de Liberdade de Informação, requisitamos arquivos de inteligência e material sobre Bulger. Foi uma mera formalidade; que o pedido tenha sido negado não constituiu surpresa. Mas decerto não poderíamos escrever um artigo declarando que Bulger era informante do FBI. Tínhamos apenas a forte suspeita — e nenhuma prova — vinda de outros órgãos da lei. O FBI não confirmaria a suspeita. Concluímos que o melhor que tínhamos era uma história sobre como Bulger dividira as forças da lei locais. Seria uma matéria sobre a cultura policial, com os policiais e os agentes de narcóticos saindo sempre de mãos abanando e depois aludindo a suas sinistras suspeitas contra o FBI. Em certo sentido, Bulger dividira e conquistara; ele vencera.

O submundo de Boston e a interação dos investigadores envolviam suspenses, ilusões; a ideia de Bulger como informante ainda nos parecia improvável. Mesmo assim, empreendemos um último esforço de reportagem para testar o que havíamos escutado com nossas fontes no FBI. A essência da reportagem está descrita no capítulo 16 deste livro. No fim, conseguimos confirmar, dentro do FBI, que o impensável era verdade: Bulger era informante do bureau, e foi assim por anos.

A matéria saiu em setembro de 1988, e os oficiais do FBI locais a negaram com veemência. Em Boston, os agentes estavam acostumados a manipular a imprensa, fornecendo informação a repórteres agradecidos por um furo que, é claro, sempre deixava o FBI bem na foto. Nesse contexto, não foi surpresa que a divisão de Boston bancasse a parte ofendida, traída. E muitos acataram a reação — afinal, quem tinha mais credibilidade? O FBI, os orgulhosos homens do governo que vinham recebendo cobertura favorável por desmantelar a Máfia italiana? Ou um grupo de jornalistas que o FBI pintava como

pessoas com interesses escusos? Com a total improbabilidade de Bulger ser informante e a pura veemência das negações oficiais, a matéria foi vista como especulação, não como a sinistra verdade.

Quase uma década se passaria até que a justiça intimasse o FBI a confirmar o que repudiara com firmeza por tanto tempo: Bulger e Flemmi haviam de fato sido informantes: Bulger desde 1975, e Flemmi antes disso. As revelações foram feitas em 1997, no início de uma investigação sem precedentes da justiça federal sobre os laços de corrupção do FBI com Bulger e Flemmi. Em 1998, dez meses de depoimentos sob juramento e pilhas de arquivos antes secretos revelaram um alarmante padrão de conduta indevida: dinheiro mudando de mãos entre informantes e agentes; obstrução da justiça e múltiplos vazamentos no FBI para proteger Bulger e Flemmi de investigações em outras agências; trocas de presentes e lautos jantares entre agentes e informantes. Muitos comentários dos agentes revelavam uma arrogância inequívoca — era como se fossem os donos da cidade. Foi fácil imaginar o FBI, Bulger e Flemmi comemorando seu segredo, erguendo as taças de vinho e brindando ao sucesso em passar a perna nas polícias estadual e municipal, e nos agentes de narcóticos federais que vinham tentando reunir evidência contra eles sem nunca descobrir o esquema.

Claro que o caso Bulger não representa a primeira vez que o problema envolvendo agentes e informantes estourou publicamente para o FBI. Em meados da década de 1980, um agente veterano em Miami admitiu ter recebido 850 mil dólares de suborno do informante durante um caso de tráfico de drogas. Um episódio mais conhecido é o de Jackie Presser, antigo presidente do Sindicato dos Caminhoneiros, que atuou como informante do FBI por uma década, até morrer, em julho de 1988. Os responsáveis por Presser no bureau foram acusados de mentir para protegê-lo de um indiciamento em 1986. No fim, um supervisor foi exonerado.

Mas o escândalo Bulger é o pior de todos, uma história exemplar que versa, mais fundamentalmente, sobre abusos de poder sem controle. O arranjo pode ter feito sentido no início, como parte da cruzada do FBI contra a Cosa Nostra. Em parte com a ajuda de Bulger e, sobretudo, de Flemmi, os principais chefes da Máfia já tinham sumido de cena na década de 1990, substituídos bem antes por um bando de mequetrefes esquecíveis com apelidos inesquecíveis. Bulger, por sua vez, foi o chefe criminoso que, ao longo dos

anos, figurou com destaque no submundo. Whitey era a figura pública, e ele e Flemmi, as principais peças no campo de jogo.

Um “informante de escalão superior” significa alguém que supre o FBI com segredos em primeira mão sobre figuras do crime organizado no mais alto nível. As diretrizes do FBI exigem que eles sejam monitorados de perto pelos responsáveis no bureau. Mas o que acontece se é o informante quem passa a monitorar os agentes? O que acontece se, em vez de ser o FBI, é o informante quem controla, e o FBI passa a chamá-lo de “*good bad guy*” — um bandido bonzinho?

O que acontece se o FBI tira de circulação os inimigos do informante, que por sua vez ascende ao topo do submundo? E se o FBI protege o informante avisando sobre investigações conduzidas por outros órgãos policiais?

O que acontece se os homicídios começam a se acumular, sem solução? Se os trabalhadores são ameaçados e extorquidos, sem ter a quem recorrer? Se repetidas vezes um cartel de cocaína engana os investigadores? Se elaboradas operações de escuta do governo custam milhões dos contribuintes mas vazam e são arruinadas?

Isso jamais poderia ter acontecido, não é? Como um acordo entre o FBI e um informante de escalão superior pôde chegar a esse ponto?

Mas chegou.

Hoje sabemos que o acordo entre Bulger e o FBI era mais profundo, sórdido e pessoal do que qualquer um imaginara, e foi sacramentado numa noite enluarada de 1975 entre dois filhos de Southie: Bulger e um jovem agente do FBI chamado John Connolly.

DICK LEHR E GERARD O’NEILL
Boston, abril de 2000

A TERRÍVEL ALIANÇA ENTRE O FBI E WHITEY BULGER, UM DOS MAFIOSOS MAIS CONHECIDOS DA HISTÓRIA DOS EUA.

Livro que deu origem ao filme homônimo, *Aliança do crime* narra a vida do lendário gângster James Bulger, um dos criminosos mais cruéis e notórios da história dos Estados Unidos.

“Aterrorizante... Uma das melhores leituras do ano. Dick Lehr e Gerard O’Neill escrevem como romancistas experientes, emendando uma cena chocante atrás da outra numa tapeçaria com o pior da corrupção nos Estados Unidos.”

The New York Post

“Mostra como a integridade do FBI pode ser frágil quando os mocinhos perdem a noção da verdade, das regras e da lei.”

The Washington Post



Motion Picture Artwork © 2015 Warner Bros. Pictures Entertainment Inc. All Rights Reserved

WARNER BROS. PICTURES PRESENTS
IN ASSOCIATION WITH CROSS CREEK PICTURES AND RATPAC-DUNE ENTERTAINMENT A CROSS CREEK PICTURES PRODUCTION
IN ASSOCIATION WITH LE GRISBI PRODUCTIONS, FREE STATE PICTURES AND HEAD GEAR FILMS A SCOTT COOPER FILM JOHNNY DEPP JOEL EDGERTON "BLACK MASS" BENEDICT CUMBERBATCH RORY COCHRANE JESSE PLEMONS KEVIN BACON
BASED ON THE BOOK BY TOM HOLKENBORG EXECUTIVE PRODUCERS BRETT RATNER JAMES PACKER PETER MALLOUK RAY MALLOUK CHRISTOPHER WOODROW BRETT GRANSTAFF GARY GRANSTAFF PHIL HUNT COMPTON ROSS
SCREENPLAY BY MARK MALLOUK AND JEZ BUTTERWORTH PRODUCED BY JOHN LESHER, JR. & BRIAN OLIVER, JR. & SCOTT COOPER PATRICK MCCORMICK TYLER THOMPSON DIRECTED BY SCOTT COOPER
WARNER BROS. PICTURES
facebook.com/BlackMassMovie
blackmass-movie.net #BlackMass